

“A obra de João Filgueiras Lima se insere no contexto da arquitetura contemporânea que busca adequação do projeto aos imperativos climáticos, procurando a eficiência energética. A manipulação das possibilidades tecnológicas torna sua arquitetura dinâmica, como um organismo que transpira ao perceber o aquecimento do envoltório (pele). Tais características estão presentes na produção europeia contemporânea com aporte de alta tecnologia (high-tech) promovida por arquitetos como Renzo Piano, Richard Rogers, Nicolas Grimshaw e Santiago Calatrava, dentre outros.

Calatrava, assim como Lelé, utiliza elementos estruturais dinâmicos, que muito se assemelham a plantas que se abrem na primavera, fazendo assim o controle da luz e criando com todos esses elementos o tão desejado espetáculo arquitetural.

Podemos notar também semelhanças entre as obras de Lelé e Renzo Piano, permitindo a suposição de uma interlocução entre elas. O Museu de Houston, no Texas (The Menil Collection, 1981-1986), dispõe de cascas de argamassa armada sustentadas por uma treliça metálica, conformando uma cobertura que controla a entrada de luz natural. Sobre a treliça há uma cobertura em vidro com dupla inclinação para as calhas metálicas de águas pluviais a cada 2,40 metros. Curiosamente, trata-se de um detalhe inverso ao utilizado por Lelé. Enquanto a cobertura projetada por Piano permite a entrada da radiação solar no ambiente e depois controla sua difusão, o arquiteto brasileiro controla a radiação solar dos trópicos antes de ela entrar no ambiente, evitando o aumento da carga térmica dentro do edifício.

Outra solução técnica adotada por ambos os arquitetos é a utilização de elevadores transparentes em planos inclinados. Renzo Piano utiliza essa solução na obra do seu escritório em Gênova (Unesco Laboratory Workshop, 1989-1991). Pouco depois, Lelé implanta elevadores similares nos hospitais da Rede Sarah (Salvador, 1992; Brasília, 1995).

Nos anos 1970, o arquiteto britânico Nicholas Grimshaw projeta diversos galpões industriais, de acabamento refinado, que se caracterizam pela industrialização dos componentes construtivos, com especial destaque para os painéis industrializados de fibra de vidro com colchão de ar para evitar as pontes térmicas. Lelé também projeta painéis industrializados com colchão de ar, mas opta por uma solução com ventilação, pois o ganho térmico nos trópicos é maior. Vale também destacar a significativa discrepância de escolha de materiais, explicada pela diferença econômica entre as realidades sociais onde atuam os dois arquitetos: Lelé utiliza painéis de argamassa armada, enquanto Grimshaw adota painéis de fibra de vidro. Outra obra passível de relação com a de Lelé é o Pavilhão Britânico na Expo'92 (Sevilha, 1992), na qual Grimshaw utiliza grandes quebra-sóis, cujo desenho em muito se assemelha aos sheds feitos por Filgueiras Lima.

No mesmo ano de 1992, Richard Rogers projeta um edifício de escritório (Inland Revenue Office), cujo perfil facilita a ação dos ventos dominantes na retirada do ar viciado do interior, com redução da necessidade de ventilação mecânica. Tal solução é a mesma encontrada nos hospitais da Rede Sarah, projetados por Lelé.

Podemos entender a sua relação com os arquitetos europeus como desenvolvimentos relativamente autônomos de princípios iguais: arquitetos de mesma geração influenciados pelas revoluções culturais do final dos anos 1960 e impulsionados pelos novos desenvolvimentos tecnológicos. Lelé, por outro lado, enfrentou o marasmo do desenvolvimento econômico do Brasil pós-democratização e o atraso do desenvolvimento industrial e científico. Suas soluções buscam em formas mais singelas e econômicas aquelas desenvolvidas pelos arquitetos da alta tecnologia. O grande diferencial reside na disparidade entre as realidades socioeconômicas do Brasil e da Europa”.<sup>1</sup>

### Nota

1. MARQUES, André. *Lelé: diálogos com Neutra e Prouvé*. São Paulo/Austin, Romano Guerra/Nhamerica, 2020, p. 72-76.

### Natural e o espaço construído

“Uma característica dominante na obra de Lelé é a relação íntima do edifício com a natureza. Tudo se abre francamente para a paisagem por meio de estratégias de projeto que visam amenizar os impactos e conflitos do convívio entre homem e natureza. Desde a compreensão dos quebra-sóis e das paredes ventiladas até a iluminação zenital, que são formas de trazer a natureza para dentro da arquitetura.

A cobertura – ou a quinta fachada – desenhada por Lelé é a maior expressão deste desejo de equilíbrio entre a arquitetura e o território, podendo ser temporária ou permanente, mas sempre respeitando e fazendo uso dos benefícios disponíveis. O território, para ele, é fonte de energia da qual se pode tirar o sustento e o equilíbrio. Tal reflexão, apesar de parecer uma estratégia militar de quem procura um território para ali montar seu acampamento – sentido do vento, coordenadas geográficas, altitude e orientação solar –, não é casual. Afinal, Lelé se formou em uma escola militar do Rio de Janeiro”.<sup>2</sup>

### Nota

2. MARQUES, André. *Lelé: diálogos com Neutra e Prouvé*. São Paulo/Austin, Romano Guerra/Nhamerica, 2020, p. 151.